

ANA CARAM

Poucos conhecem esta voz. Mas saibam todos: ela é formidável

Muitas vezes há por aí que ficam escondidas de nossos ouvidos — escondidas nos Becos das Pimentas, nos Viros dos Ipirangas, nos Barbas da vida. Não nos chegam por canais de TV ou de rádio, não chegam aos discos para que as levemos para casa. Muitas vezes. Muitas vezes, vozes muitas vezes melhores do que as vozes que têm vez nos tais canais.

De maneira geral, culpa-se a recessão pelo não-surgimento de novos valores na música popular. Aquela coisa de 'não se pode investir porque o mercado está saturado, as vendas caíram', e tome lá estatísticas. Gosta-se também de culpar uma entidade abstrata chamada 'sistema', que virou bode expiatório para tudo o que se fez ou se faz de errado — ou se deixa de fazer.

Conversa. Pouquíssima gente deve ter ouvido falar de Ana Caram. É moça nova que canta bem, toca um violão gostoso, sopra uma flauta redonda, compõe com tranqüila segurança e veio há pouco tempo de São Paulo tentar a noite no Rio — nos Becos, nos Barbas' etc. Pois saibam: ela é formidável.

Anda se fazendo acompanhar por banda de altíssimo nível: Jacaré, no contrabaixo, Camanga, na bateria, e o soberbo pianista americano Frank Zotoli, que já foi maestro de Johnny Mathis, entre outros créditos. E que é tão bom que quase

quase rouba o espetáculo. Mas fica no quase.

Porque a moça Ana Caram "segura a barra". No Jazzmania, show de estréia, começou meio tímida com música sua, inédita, uma bossa-jazz de harmonia interessante. Depois foi de Djavan, Caetano, Zé Rodrix, Tom, Vinícius, Renato Teixeira, e até mesmo Schubert — em sonata, duo de flauta e piano, quando Zotoli dá um nó na partitura original que quase transforma o tema em coisa de Debussy. PPMas e daí? — perguntarão alguns — se tanta gente pela noite canta Caetano, Tom, Vinícius (Schubert é mais raro) etc? E daí que Ana Caram faz melhor. A bela voz, pequena mas segura e de boa extensão, é usada com desenvoltura; o balanço faz inveja a muita gente 'grande' que toca em todo canto, a postura em palco (são cinco anos de noite) é bem tratada (e digna: sem apelações bobocas do tipo perna-de-fora/vestido transparente), as divisões rítmicas são personalíssimas, as recriações corajosas e reveladoras, o violão muito mais do que o 'certinho' a que estamos acostumados. Querem mais?

A recriação de 'Muito romântico', de Caetano Veloso, é das coisas mais inteligentes que se pôde ouvir nos últimos anos. Sem qualquer exagero. Arrepia os cabelos. O 'Tema de amor de Gabriela', de Tom Jobim, ganha cores novas. Beleza pura. Por falar no que: como se não bastasse, Ana é muito bonita. Só.